

# **COMO UM GRUPO DE HOMENS PAIS COMPREENDE SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS: UMA VISÃO FENOMENOLÓGICA**

Gilberto Ferreira Barreiros, Heloisa Szymanski, Marcos Eduardo Ferreira Marinho e Denio Waldo Cunha. Agência de fomento: CAPES e CNPq (PUC/SP – Educação: Psicologia da Educação.).

## **Resumo**

Este trabalho foi realizado por pesquisadores do grupo de pesquisa denominado de ECOFAM da PUC-SP, em uma creche, de uma escola Municipal de ensino fundamental, de um bairro periférico do município de São Paulo. O trabalho de pesquisa aqui relatado teve como objetivo investigar as narrativas de práticas educativas de um grupo de homens pais junto aos seus filhos. Tratou-se de pesquisa qualitativa de base fenomenológica e teve como procedimentos a realização de dois encontros denominados de encontros reflexivos. As práticas educativas que se elucidaram valorizaram a obediência, o controle, a submissão à autoridade e a educação contra os maus hábitos. O diálogo surgiu como forma de evitar o conflito, ocupando muitas vezes, a condição de mantenedor a submissão, em outros momentos, ocupando um horizonte educativo e, ainda, em outros, um sentido de persuasão de seus modos de agir. A forma como estes homens pais foram educados por seus próprios pais não lhes forneceram elementos para enfrentar os desafios e os enfrentamentos que seus filhos lhes trazem. Deste modo, inseridos em um novo contexto social, evidenciou-se para estes homens pais um conflito gerado entre as suas práticas educativas efetivas e às práticas educativas que seus próprios pais exerceram para com eles.

Palavras Chave: fenomenologia, práticas educativas, narrativas de homens pais.

## **Abstract**

This work was conducted by researchers a group of researchers from the research group ECOFAM of PUC-SP, in a kindergarten of a Municipal Elementary School in a suburban neighborhood of São Paulo. The research reported here in aimed to investigate the narratives of educational practices of a group of male parents to their children. A qualitative phenomenological research was carried out and, among the procedures, there was the performance of two meetings, called reflexive groups. Educational practices that have elucidated valued obedience, control, submission to authority and education against bad habits. The dialogue came as a way of avoiding conflict, often occupying the condition maintainer of submission and at other times, occupying a sense of persuasion and education of children. The way these male parents were educated by their parents not provided them with evidence to meet the challenges and confrontations that their children bring them. Thus entered into a new social context, it became clear to these male parents generated a conflict between their educational practices and effective educational practices than their own parents have towards them.

Keywords: phenomenology, educational practices, the narratives of fathers.

## INTRODUÇÃO E OBJETIVO DO ESTUDO

Este estudo fez parte de uma pesquisa intervenção, realizada por um grupo de pesquisadores do programa de estudos denominado de ECOFAM da PUC-SP em uma creche de uma escola Municipal de ensino fundamental de um bairro periférico do município de São Paulo. Visou investigar como foram narradas as experiências em relação às práticas educativas de um grupo de homens pais em relação aos seus filhos que freqüentam a creche desta escola. Também foi objeto deste estudo compreender como estes pais se apropriam e compreendem a paternidade.

Entendemos como práticas educativas às ações e intenções dos pais para com seus filhos, incluindo os fazeres cotidianos, os valores, as crenças, os saberes, as expectativas e projetos junto aos seus filhos. Tal prática envolve a intencionalidade que aparece em ações no dia a dia e que estão repletas de sentidos mostrando como os homens pais interpretam e definem suas atitudes no modo cuidar de seus filhos.

Foi propósito também desta pesquisa oferecer um espaço de reflexão que possibilite o questionamento de papéis naturalizados que tendem a impossibilitar uma condição mais emancipadora, no cotidiano, destes homens pais. A proposta desta pesquisa foi constituir um olhar fenomenológico levando-se em conta a complexidade, dos diversos sentidos que se desvelaram nesta experiência no cuidar de seus filhos. Buscou-se descrever e compreender o fenômeno “indo ao encontro da coisa mesma”, não partindo de teorias preconcebidas.

As práticas educativas foram aqui consideradas como uma forma de cuidar da relação e que expressaram o modo de ser do adulto com a criança refletindo diferentes interpretações da tarefa socializadora que delinearam expectativas e definiram atitudes destes pais. O desenvolvimento de práticas educativas para com seus filhos foi compreendido, nesta pesquisa, como um modo de manifestação do cuidar segundo a proposta fenomenológica existencial Heidegger (1988).

Ter filhos e ser cuidador são elementos de um contexto cultural, que traz consigo normas, expectativas e valores já agregados no âmbito da significação. Desta maneira, é possível ao cuidado paterno propiciar acolhimento afetivo e material aos filhos, ensinando-lhes hábitos e habilidades sociais, possibilitando acesso à educação vinculado a um sentido emancipador, entretanto, este cuidado, pode também se manifestar na forma da negligência, dos maus tratos, e do autoritarismo Szymanski (2006).

## O OLHAR FENOMENOLÓGICO

Transitaremos, agora, pela fenomenologia que embasou epistemologicamente este trabalho, enquanto um método de inquirir os fenômenos centrados na relação homem-mundo. Nesta perspectiva, entendemos o homem compreensivamente como ser de infinitas possibilidades, levando-se em conta a complexidade dos diversos sentidos que este possa vir a constituir em sua experiência vivida de ser- no-mundo. Estamos assentados em uma visão fenomenológica que abre a possibilidade da construção de um conhecimento compreensivo, levando-se em conta a relatividade dos sentidos dos fenômenos. A fenomenologia Husserliana (1990) enquanto nosso colchão epistemológico nos remeteu a uma nova maneira de se fazer ciência, compreendendo o conhecer como a explicitação dos sentidos de um determinado evento, fato ou fenômeno essencial e não acidental que nos atribuímos. “O conhecimento refere-se ao objeto com um sentido variante, em vivências variantes, em mutáveis afecções e ações do eu”. (HUSSLERL, 1990, p.11).

A pesquisa fenomenológica, então, não pretende ir ao encontro do objetivável ou do que pode ser verificado, mas ir ao encontro de um fenômeno e construir uma compreensão de algo que se mostra na experiência vivida destes homens pais em seus modos de cuidar de seus filhos,

isto é, das práticas educativas em relação aos seus filhos.

Este trabalho de pesquisa foi definido como uma pesquisa qualitativa, englobada em um projeto mais geral, caracterizando-se como uma pesquisa participante, visando um constante compartilhar de trocas e debates que tiveram como objetivo criar um espaço que possibilitou reflexões sobre práticas educativas de homens pais em relação aos seus filhos. Este método buscou ao mesmo tempo conhecer e intervir na realidade pesquisada tal qual formulada por Demo (2004). Desta maneira, este modo de pesquisar introduziu uma dimensão de criticidade ao solicitar uma visão reflexiva das práticas educativas dos pais em relação aos seus filhos.

Assim, alcançamos estes objetivos, recorrendo à metodologia reflexiva do discurso narrativo e de sua compreensão intersubjetiva entre participantes e os pesquisadores. Visamos uma proposta reflexiva dos sentidos da intenção do autor em suas narrativas, isto é, a uma visão reflexiva de suas práticas educativas em relação aos seus filhos.

Para compreendermos essas práticas educativas recorreremos ao estudo das narrativas dos participantes da pesquisa como uma modalidade de apreensão do fenômeno na perspectiva fenomenológica. Os estudos das narrativas propostos por Ricoeur (1991) e Bruner (1997) embasaram epistemologicamente esta pesquisa enquanto possibilidade de conhecimento descritivo e compreensivo, reconhecendo que “as pessoas transformam em narrativa sua experiência do mundo, assim como do papel que nele desempenham...” (BRUNER, 1997, p.110).

Este processo narrativo foi aqui entendido como um modo de organizar as experiências dentro de um contexto temporal, social e histórico. A narrativa foi considerada um modo de utilizarmos a linguagem, através de significados e expressões pessoais e como um modo de construção de significados que se expressam no narrar. Estes significados apresentam sua construção no meio social e expressam a interpretação como cada indivíduo experienciou e dá sentido ao mundo.

Entendemos, então a narrativa, não só como um modo particular de contar uma história, um acontecimento, uma experiência, mas sim uma maneira de converter sentidos e significados humanos, através da linguagem, que se presentificam e se constituem neste ato. A narrativa entendida como uma organização da experiência do ser-no-mundo-com-os-outros proporcionando configurações e sentidos pessoais contextualizados temporal e historicamente.

Bruner (1997) nos remete a algumas propriedades da narrativa e considera três grandes características fundamentais e intrínsecas a ela; são elas: seu caráter sequencial e esquemático, sua indiferença entre a realidade e o dramático e, por fim, seu caráter idiossincrático intermediado pelo contexto social vivido pelo sujeito da narrativa. Em suas palavras temos: “A narrativa lida com o material da ação e da intencionalidade humana. Intermedeia entre o mundo canônico da cultura e o mundo mais idiossincrático dos desejos, crenças e esperanças”. (BRUNER, 1997, p. 52).

Deste modo, o relato narrativo de cada participante da pesquisa foi considerado como uma produção de sentidos em relação a sua experiência para com o mundo que compreende uma condição socializadora. Assim, a narrativa foi entendida não apenas como um discurso, mas como um encadeamento de sentidos de diversas experiências com o mundo.

Nesta ótica, a obtenção das narrativas destes homens pais proporcionou a oportunidade de irmos ao encontro do fenômeno e de sua manifestação, isto é, de como os homens pais, desta pesquisa, compreenderam e manifestaram suas práticas educativas enquanto cuidadores de seus filhos.

O sentido de cuidar, nesta pesquisa, esteve orientado pela ontologia de Heidegger (1981), apontando para as diversas possibilidades de relação que podem se estabelecer entre os pais e seus filhos.

Concomitante a perspectiva fenomenológica adotamos como via de compreensão do diálogo a proposta dialógica de Freire (2005) que se constitui pela horizontalidade na experiência educativa, isto é, uma práxis dialógica caracterizada pela escuta e respeito à presença de um outro que lhe apresenta uma nova proposta de experiências sem deixar de levar em conta as suas próprias e, deste modo, constituir uma outra compreensão em ambos os atores do diálogo.

## PROCEDIMENTOS PARA A OBTENÇÃO DAS NARRATIVAS

A sistematização da pesquisa teve como procedimentos para obtenção das narrativas dos homens pais dois encontros que denominamos de encontros reflexivos que estão concernentes as entrevistas reflexivas de Szymanski (2002). Este modelo de encontro caracteriza-se pelo seu caráter reflexivo pois proporciona uma situação de interação entre pesquisador e pesquisados conferindo também, deste modo, o caráter interventivo desta pesquisa.

O grupo de pesquisadores da PUC/SP realizou antes de cada encontro reuniões para discussão de como poderiam ser levantados questões mobilizadoras sobre o tema que o grupo de homens havia anteriormente escolhido, temas estes, atrelados a educação dos filhos. Os encontros tiveram como tema: Encontro 1 "COMO DIZER NÃO AOS FILHOS"; o Encontro 2 "COMO LIDAR COM A BIRRA DOS FILHOS". Os homens pesquisados tinham obrigatoriamente filhos matriculados na creche e apresentavam como escolaridade o ensino fundamental, muitas vezes incompleto, com idade entre 19 a 65 anos. O grupo de pesquisadores da PUC/SP que participou do projeto sempre foram necessariamente constituídos de homens e o número foi de no mínimo três pesquisadores.

Na fase inicial das atividades grupais os pesquisadores propuseram sempre uma atividade inicial com a intenção de promover um aquecimento grupal, mas que sempre foi postergada pelos homens pais participantes, preferindo, estes, iniciar logo com uma conversa "entre homens". Os encontros foram todos gravados e transcritos.

## TRAJETÓRIA PERCORRIDA PARA COMPREENSÃO DO FENÔMENO

A proposta adotada, nesta pesquisa, nos remeteu às narrativas dos homens pais seguindo a proposta fenomenológica de “ir às coisas mesmas” Husserl (1990). Cada encontro reflexivo foi pautado por temas levantados e discutido pelos homens pais e tivemos a elaboração por cada participante de relatos e descrições do percebido, ou seja, de narrativas que cada homem pai expôs o que lhe fez sentido. Desta forma, este procedimento permitiu a obtenção de descrições do percebido com o intuito de ir à essência (eidos) do fenômeno por nós interrogado. Para esta busca da essência utilizamo-nos da redução eidética ou redução à essência tal qual formulada pela fenomenologia. Nas palavras de Bello (2000) “no caso da redução eidética, nós tiramos a existência factual, sendo que permanece a essência. Isto significa: redução à essência. Não se trata de negar a existência, mas apenas de colocá-la de lado” (BELLO, 2004, p.85).

Neste presente momento apresentaremos a concepção fenomenológica hermenêutica na qual ancorou-se esta pesquisa enquanto procedimento compreensivo. Compreender significou aqui ir além da mera descrição do fenômeno, isto é, mergulhamos em um processo de compreensão hermenêutica das narrativas obtidas dos encontros com os homens pais.

Trabalhamos esta trajetória a partir do enfoque da fenomenologia hermenêutica de Ricoeur (1978), situando a hermenêutica como uma postura epistemológica que foi buscar a partir das aparências, os sentidos que emergiram e que foram constituídos pelos indivíduos em suas narrativas. Para isto, tomamos as narrativas dos homens pais como configurações na forma de discursos, como textos, e assim, procedemos a compreensão de sentidos que foram se desvelando através de um exercício interpretativo.

Nas palavras de Ricoeur (1978) o campo hermenêutico está atrelado ao conceito de interpretação que se caracteriza

“Pelo trabalho de pensamento que consiste em decifrar o sentido oculto no sentido aparente, em desdobrar os níveis de significação implicados na significação literal. Guardo assim, a referência inicial à exegese, isto é, à interpretação dos sentidos ocultos. Símbolo e interpretação tornam-se, assim, conceitos correlativos: Há interpretação onde houver sentido múltiplo; e é na interpretação que a pluralidade dos sentidos torna-se manifesta.” (RICOEUR, 1978, p. 15).

Assim, a trajetória que foi percorrida pela compreensão das descrições não se fechou em categorias constituídas a priori, mas se balizou a partir da interpretação e interrogação que nós pesquisadores fizemos e que indicou a compreensão a respeito do fenômeno por nós pesquisado. No nosso caso, o discurso configurado em texto, e elaborado pelos homens pais nos encontros reflexivos.

Após estes procedimentos, começamos a organizar e a agrupar os sentidos que se desvelaram e que denominamos de constelações conforme Szymanski (2004). As constelações se abriram de diferentes modos interpretativos analogamente a visão que temos do céu que não é chapado, mas configurado e que pode ser visto e refigurado de diferentes maneiras por cada observador ou interprete.

## **O QUE SE MOSTROU**

Depois de analisar as narrativas obtidas nos encontros reflexivos, construímos nossa própria narrativa em relação aos encontros e elaboramos uma primeira síntese. Posteriormente o grupo de pesquisadores foi evidenciando constelações segundo Szymanski (2004). Apresentamos a seguir a síntese dos encontros e as constelações formadas a partir das narrativas dos homens pais. Deste ponto, o embasamento para a compreensão dos sentidos que se desvelaram está atrelado à orientação proposta por Critelli (2006). Focamos, então, nesta pesquisa, um olhar fenomenológico que nos convocou a compreender o fenômeno num vir a ser na cotidianidade da sua existência permitindo “a busca e a manifestação do sentido que ser faz/tem para os homens (individual e coletivamente) em seu ôntico, concreto e histórico ser-no-mundo-lidando-com-as-coisas-e-falando-com-os-outros”.(CRITELLI, 2006, p.146).

### **TEMA DO PRIMEIRO ENCONTRO: “COMO DIZER NÃO AOS FILHOS”**

#### **SÍNTESE:**

- O não machuca o pai e é mais doloroso para ele do que para a mãe.
- O não do pai é mais preciso do que o da mãe.
- O pai é mais severo.
- O não como correção contra desejos dos filhos que os pais não podem dar.
- O não como limite para evitar contato com estranhos que o filho deverá evitar.
- O não como demonstração de pulso firme.
- O não como demonstrador de impotência, como no lugar da perda do poder.
- O não como orientador para a vida como uma lição a ser aprendida.
- O não recebido dos próprios pais orientaram uma vida de melhor conduta, uma vida correta.
- O não do pai como mais firme e decisivo.
- O não mentiroso do pai que o faz perder o controle.
- O não acompanhado do bater torna a criança violenta.
- O não como possibilidade de abrir espaço de escuta para com o filho.
- O não que protege e disciplinador dos maus hábitos.
- O não em conflito com outras regras.
- O não explicativo para as crianças entenderem o porquê não devem fazer algo que não pode.

**CONSTELAÇÕES:** Cinco grandes constelações do primeiro encontro reflexivo serviram de base para a compreensão do sentido das práticas educativas dos homens pais, são elas:

1) O NÃO FIRME E SEVERO DO PAI É MAIS PRECISO DO QUE O DA MÃE: Esta constelação revela as ações cotidianas de relação de poder na dinâmica familiar. O lugar social do pai é carregado de poder sobre a mãe e sobre o filho. O não do pai homem é revelado enquanto portador de um sentido mais firme e mais severo do que o da mãe, impondo limites e definição de regras. Às vezes manter este lugar é muito difícil e doloroso.

“O não do pai é mais firme, o não da mãe é mais medroso, lá vêm cinto”. (W)

“O não machuca o pai é mais doloroso, mas é mais preciso que o não da mãe. Dói no pai”. (D)

“O filho já vai se acostumando com aquilo por que o pai é mais severo”. (A)

“Meu não para minha menina vale mais, dá minha mulher não, só para o menino, mas é duro dizer o não”. (S)

2) O NÃO COMO CORREÇÃO E ORIENTADOR PARA A VIDA DOS FILHOS: Esta constelação revela as ações dos pais como cuidadores de uma ação disciplinar sobre os filhos. É revelado o controle como justificativa para o caráter disciplinador sobre o desejo dos filhos. O não e as punições assumem o sentido de cuidar para uma vida orientada para correção dos maus hábitos.

“Tem que corrigir o filho que tem uma vaidade que você não pode dar, aí você se machuca, porque você não pode dar, tem coisa que não pode dar mesmo tendo dinheiro com relação a brinquedos. Mesmo tendo condições. Já falei um monte de não”. (L)

“Não é para bater é sangue é carne, você ensina seu filho a ser humilde tem que demonstrar educação”. (L)

“Não pode ganhar algo do outro que não se conhece jamais pode aceitar não sabemos a intenção. Se eu não conheço pode devolver. É um jeito de eu proteger”. (L)

“Doce não pode, tem que explicar o que é saudável ou não”. (I)

3) O NÃO GERADOR DE CONFLITOS PARA OS PAIS: esta constelação revela o conflito interno dos pais ao refletirem sobre seu papel de impor limites aos filhos. Surgem questionamentos sobre a possibilidade ou não de escuta e diálogo com o filho quando estes pais se propõem a refletir sobre o sentido doloroso de ser severo para com seus filhos. Há um conflito entre deixar o filho se expressar ou, pelo contrário, controlar a mudança.

“Temos que ouvir muito as crianças, tentar entender, mas às vezes pegamos pesado”. (I)

“Meu não para minha menina vale mais, dá minha mulher não, só para o menino, mas é duro dizer não”. (S)

“O moleque é terrível, se agente deixar”. (S)

“Se agente acaba cedendo, a criança reverte e situação, quebra as nossas pernas”. (S)

“Se deixar muito à vontade eles fazem coisas erradas”. (S)

“Eu me sinto como se estivesse escravizando meus filhos”. (L)

4) O NÃO RECEBIDO DOS PRÓPRIOS PAIS JUSTIFICAM SEU O PAPEL DE PAI: Esta constelação revela como os pais homens assumem suas atitudes de pai como ações desejáveis e corretas em relação às suas práticas educativas, pois os não recebidos por eles de seus próprios pais foram vivenciados como exemplos a serem seguidos ou como exemplos serem descartados. O não de seus pais os desviou de caminhos errados visando muitas vezes a obediência. Suas práticas educativas foram constituídas por comparação ou por oposição às atitudes de seus próprios pais.

“Os não do meu pai, não a droga, não a violência, não para más companhias e pessoas erradas, existem não que servem como lição para todos nós”. (O)

“Tudo que é bom e que aprendi tento passar para meus filhos”. (O)

“Meus pais ensinaram: Pra que dormir muito se quando morrer você vai ter a vida inteira pra dormir?” – ele pergunta. “É o Não para não dormir muito”. “Hoje eu faço isso com o meu filho”. (I)

“O não de meu pai me levou pelo caminho certo, eles me desviaram dos caminhos errados”. (D)

“Eu apanhava duas vezes meu irmão batia e eu apanhava de novo da mãe, tenho hoje que prestar muita atenção para não bater”. (W)

5) O PAI DISPONÍVEL A ESCUTA E AO DIÁLOGO COM O FILHO: Esta constelação revela múltiplos sentidos do diálogo para com os filhos. O diálogo surge como forma de evitar o conflito, ocupando, muitas vezes, condição de mantenedor a submissão em outros momentos, ocupando um sentido educativo e, ainda em outros momentos, um caráter de persuasão e mantenedor da ordem para com os filhos.

“Doce não pode, tem que explicar o que é saudável ou não” (I).

“Se agente acaba cedendo, a criança reverte e situação, quebra as nossas pernas” (S).

“Se deixar muito à vontade eles fazem coisas erradas”. (L)

“O não de não bater nas crianças não pode vir com violência com ninguém, porque já cresce pessoa violenta, já fica ignorante na base da pancada uma palavra é melhor que qualquer violência antes conversar”. (W)

“As crianças falam o que acontece. Devemos escutar o filho para depois falar o não”. (L)

“Devemos explicar o porquê das coisas”. (W)

## TEMA DO SEGUNDO ENCONTRO: “**COMO LIDAR COM A BIRRA DOS FILHOS**”

### SÍNTESE:

- A birra como provocação da criança em relação ao pai.
- O pai fica bravo com a criança que lhe tira a autoridade.
- O pai tem que se conter para não bater no filho.
- O filho birrento batendo nos pais.
- A conversa e o diálogo utilizado pelo pais para evitar o confronto com o filho.
- A birra que deixa o pai doido.
- O castigo que aparece como solução para a birra dos filhos.
- O pai tem que se conter para não bater no filho que faz birra.
- O bater surge como solução para conter a birra dos filhos.
- O castigo como solução para a birra.
- O pai que honra o diálogo que teve com o filho para evitar a birra.
- A dúvida se é certo bater no filho que faz birra.
- O respeito que a figura do próprio pai teve na vida deles quando apanharam para não fazer birra.
- A atenção dada ao filho diminui a probabilidade de este venha a fazer birra.

---

<sup>1</sup> As narrativas encontram-se em poder do grupo de pesquisa. Poderão ser consultadas por pesquisadores interessados no tema, no e-mail [pedpos@pucsp.br](mailto:pedpos@pucsp.br). Após cada fala aqui transcrita apresenta-se entre parênteses uma letra identificando os participantes da pesquisa.

**CONSTELAÇÕES:** Três grandes constelações do segundo encontro reflexivo serviram de base para a compreensão do sentido das práticas educativas dos homens pais, são elas:

1) O BATER NA CRIANÇA BIRRENTA PRESERVA O LUGAR DA AUTORIDADE DO PAI: Esta constelação revela a fragilidade do lugar do pai que é exposto quando a criança o enfrenta com suas birras. O pai deve conter as birras para poder sustentar seu lugar valorativo de respeito e autoridade. A perda da autoridade é interpretada como ameaça ao seu lugar de poder na família e o bater aparece como solução.

“Porque a ira vem e se você não tiver um sistema bom você pega a criança e machuca mesmo”.

(J)

“Ah! Imagina um abraço desse aqui, dando uns tapa nele: Machuca ele!”. (J)

“Se você der um tapa resolve!”. (S)

“Pega um cinto aí dá na bundinha dele”. (S)

“Vou te bater, vou te bater, vou te bater!”. Isso me irrita!”. (I).

“Ficar de joelho num canto, da vontade de pegar a criança de chinelo e dá um coro pra deixa roxo”. (S).

2) A REFLEXÃO DE SUAS PRÓPRIAS VIVÊNCIAS QUANDO CRIANÇA AO APANHAREM DE SEUS PRÓPRIOS PAIS GERANDO DÚVIDAS SE É CERTO OU ERRADO BATER TAMBÉM EM SEUS PRÓPRIOS FILHOS: Esta constelação expressa a relação que estes pais tinham com seus próprios pais quando criança. A violência por eles sofrida ora gera dúvidas em relação a suas atitudes, ora são referências e exemplos que servem para justificar sobre suas próprias práticas educativas. . Há o reconhecimento de sua responsabilidade na educação do filho e há muita dúvida de como realizar tal empreitada. Emerge também a percepção de que a forma como seus próprios pais homens cuidaram de si, não serve como referência para lidar com a birras e as questões atuais de seus filhos.

“A gente trás o sistema dos antigos, senão que esse era mais bruto. Meu pai batia com uma borracha da espessura de cinco dedos”. (J)

“Eu sempre apanhava com 12 borrachadas”. (S)

“Hoje bater nos filhos da até cadeia” (S)

“Ouvi muito: se não bater, a polícia vai bater. Ouço muito isso”. (I)

“Em seu caso, havia muito mais um respeito pela figura do pai e uma ciência de que se este pega pra bater mesmo”. (F)

“Ajudar ele sobre aquilo que você já passou também. Eu já passei por isso, fiz isso e deu tudo certo”. (I)

“Às vezes você faz certo, às vezes não”. (F)

“Quero encontrar outros caminhos sem bater”. (D)

3) A ATENÇÃO E O DIÁLOGO COMO O FILHO DIMINUI A POSSIBILIDADE DA ATITUDE BIRRENTA DO FILHO: Esta constelação revela o sentido de como, muitas vezes, o diálogo pode ser entendido como uma solução para conter as atitudes descontroladas dos filhos. Como se diminuísse a possibilidade dos filhos apresentarem birra, mas, ao mesmo tempo, o diálogo aparece para evitar o confronto com o filho e conseqüente perda do seu lugar de autoridade. O diálogo surge como forma de persuasão e, poucas vezes, como forma de emancipação da criança.



“A criança mais novinha é mais difícil por ela não fala e o adulto não entende a criança também não entende”. (I)

“Bater não é o caminho mais ideal. A coisa tá mudando e vai ter uma hora que a criança vai ter mais força e mais idade e, o pai não vai conseguir guiar o filho. A conversa, mesmo estando nervoso, o melhor caminho é o diálogo”. (F)

“Se bater fosse certo pra tudo, a gente não necessitava tá aqui conversando”. (D1)

“Quando a gente pára para ouvir a criança, ela se sente a toda poderosa!”. (I)

“Os pais falam muito, mas não ouvem. E a criança quando aprende, quer falar e a gente fala Cala a boca! Cala a boca! Cala a boca!”. (I)

“É importante arrumar um tempo para a criança, para encontrar novas possibilidades, mas tempo de qualidade em que você se sinta leve com a criança, vê ela”. (I)

“Ouvir de verdade, sem julgamentos. A criança contou uma coisa errada, você tem que entender e não reprimir naquela hora. Depois eu vou pensar o que eu vou fazer”. (I)

“Que é só falar, não precisa bater”. (J)

## DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram evidenciados através da compreensão das formas narrativas dos homens pais, uma adesão a valores associados à figura paterna com a autoridade. O respeito à autoridade é imposto, muitas vezes, pelo "não" inflexível carregado de significações de correção e pulso firme contra as facilidades que o dia a dia oferece, aos filhos, de poderem se encaminhar pelos caminhos do "mal" na sociedade. Emergiram práticas educativas que visam à orientação, a uma boa conduta e uma vida correta e, para que isto ocorra, o pai precisa, muitas vezes, ser severo e disciplinador de maus hábitos.

Evidenciamos práticas educativas que visam à manutenção de atitudes que esses pais vivenciaram com seus próprios pais e que na realidade estabeleceram um lugar de inflexibilidade a possibilidade de mudança. Ao mesmo tempo, aparecem contradições e conflitos em relação a essas práticas educativas que impõe limites, pois, o dizer "não" vai de encontro à outra forma de desejo menos impositiva, dos pais, de se manifestarem em relação aos filhos. O sentimento de impotência frente à perda de controle dos filhos leva estes pais a utilizar-se do “não”. As práticas educativas, evidenciadas, valorizaram a obediência, o controle e a submissão à autoridade dos pais. Ao mesmo tempo, há um questionamento a essas atitudes, o que parece abalar a maneira pela qual foram educados e tratados por seus próprios pais. A adesão ao respeito à autoridade parece se confirmar, muitas vezes, por estar associado às relações educativas intrafamiliares que vivenciaram quando crianças.

O papel e a regra ao respeito aos pais apareceram vinculados à autoridade. A criança ao fazer birra quebra esta regra e expõe o pai a uma dúvida quanto ao seu papel relacionado à autoridade. O pai surge com o dever de conter a birra da criança para e evitar o seu descontrole. A birra deixa o pai "doido", exposto a sua impotência e fragilidade frente ao desconhecido e, o bater surge como solução para impor o seu desejo e conter o filho.

Em relação ao diálogo, notamos nos discursos dos pais que também aparece o sentido de sua utilização para evitar a birra dos filhos e seu descontrole, desvelando-se o horizonte de que o diálogo diminuiria a probabilidade de que seus filhos possam vir a fazer birra. O diálogo surge como forma de evitar o conflito, ocupando, muitas vezes, condição de mantenedor a submissão, em outros momentos, ocupando um sentido educativo e, em outros momentos, de persuasão para com os filhos, não proporcionando, deste modo, novas compreensões e novos caminhos que possibilitem a emancipação destes filhos.

Podemos notar uma prática educativa recheada de contradições. Esses homens pais vivem o "não" carregado de sentidos que lhes oferecem um lugar de respeito e controle, mas que também, os colocam em um lugar de desconforto e inquietude frente a essas atitudes autoritárias. Emergem preocupações após a reflexão grupal, frente a suas ações e à eficácia do bater.

Este lugar de respeito e controle expõe esses pais a um lugar de contradições e

questionamentos frente à dúvida se estão agindo da melhor forma em relação a suas práticas educativas, pois, a forma como foram educados por seus próprios pais, não lhes fornece elementos para enfrentar os desafios e os enfrentamentos que seus filhos lhes trazem no presente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRUNER, J. *Atos de significação*, Ed. Artes médicas, Porto Alegre, 1997.

CRITELLI, D. M. *Analítica do sentido*. São Paulo: EDUC, Brasiliense, 1996.

DEMO, P. *Pesquisa participante*. Brasília, Ed. Líber Livros, 2004.

ESPÓSITO, V.H.C. *Hermenêutica*, in Dicionário em construção: interdisciplinaridade/ Ivani C.A.ED. Cortez, São Paulo, 2001.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2005

HEIDEGGER, M. *Todos nós...Ninguém*. Tradução e comentário de Dulce Mara Critelli, apresentação e introdução de Sólon Spanoudis. São Paulo: Editora Moraes, 1981.

\_\_\_\_\_. *Ser e Tempo*. Petrópolis, RJ, Ed Vozes, 1988.

HUSSERL, E. *A idéia da fenomenologia*. Ed. Edições setenta, Rio de Janeiro, 1990.

RICOEUR, P. *O conflito das interpretações: Ensaio de hermenêutica*. Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1978.

\_\_\_\_\_. *O si mesmo como um outro*. Ed. Papirus, Campinas, SP, 1991.

\_\_\_\_\_. *Teoria da interpretação*. Edições 70 LDA. Lisboa/Portugal, 1976.

SZYMANSKI, H. (Org). *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Ed. Plano-Brasília, 2002.

\_\_\_\_\_. *A família como locus educacional: perspectivas para um trabalho psicoeducacional*; in: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, vol. 8, nº197, pág. 14-25, jan/abril, 2000.

Gilberto F. Barreiros E-mail: [gilbertobarreiros@gmail.com](mailto:gilbertobarreiros@gmail.com)

Denio Cunha E-mail: [Deniocunha@uol.com.br](mailto:Deniocunha@uol.com.br)

Marcos Marinho E-mail: [marinhopsi@gmail.com](mailto:marinhopsi@gmail.com)

Heloisa Szymanski E-mail: [hszymanski@uol.com.br](mailto:hszymanski@uol.com.br)